

Por Hélder Beja

Depois de muitos anos na Dom Quixote e de passagens por outras editoras, Nelson de Matos lançou a sua própria estampa (Edições Nelson de Matos). E fá-lo com um texto inédito de José Cardoso Pires, apresentado esta semana. Em tempos de forte concentração editorial, tentamos perceber como nasce um projecto de pequena escala.

– **Como olha para a concentração do mercado livreiro em Portugal?**

– Como um facto normal. Não dramatizo muito a situação. Aconteceu lá fora e tem acontecido em todos os sectores. A globalização introduziu na economia este espírito de concentração das empresas. Aqui ainda não se tinha passado com as editoras, mas era inevitável. Sobre tudo após ter havido uma concentração na área do retalho livreiro. Já há muitos anos se falava que era precisa, agora tudo depende da forma como actuam estes grupos.

– **Por aquilo que conhece dos mercados internacionais, a concentração tem consequências na qualidade da literatura que um país consome?**

NÉLSON DE MATOS

– Tem, inevitavelmente. Um autor que, por exemplo, tenha um mercado reduzido ou uma área editorial mais limitada, como a ciência ou a filosofia, encontrará maiores dificuldades. Os grandes grupos não têm condições para fazer uma edição mais artesanal, com mil ou dois mil exemplares, porque não consegue absorver os custos. Portanto, tenderão sempre a editar os *best sellers*, livros com grandes tiragens, com grandes índices de vendas, necessariamente dirigidos a um público mais largo. Mas para que isso aconteça os textos também terão que ser mais ligeiros.

– **Ainda assim, aparecem projectos como o seu. Por que decidiu chamar à editora Nelson de Matos?**

– A concentração abre espaço para pequenas editoras que se sentirão muito contentes por vender tiragens de 2000 exemplares. Quanto ao nome, é mais vulgar do que parece os editores assinarem e personalizarem o seu trabalho. Recordemos as edições Romano Torres, a Lello & Irmão, a Assírio & Alvim. Ou, em França: a Gallimard, a Christian Bourgois. Trata-se de dar um rosto e um nome a um trabalho que se quer específico.

– **Arranca logo com um inédito de José Cardoso Pires. Fale-nos do livro.**

– *O Lavagante* é um texto que o José escreveu nos anos 60. Foram deixadas várias versões em manuscritos que não estão datados. Mas eu acho que se situa entre 1963 e 1967, que é a data de publicação de *O Delfim*. E revela o mesmo grau de exigência que ele sempre manteve, com três versões preparatórias. Texto crítico, ainda furioso com a censura e com a polícia política. Tem uma

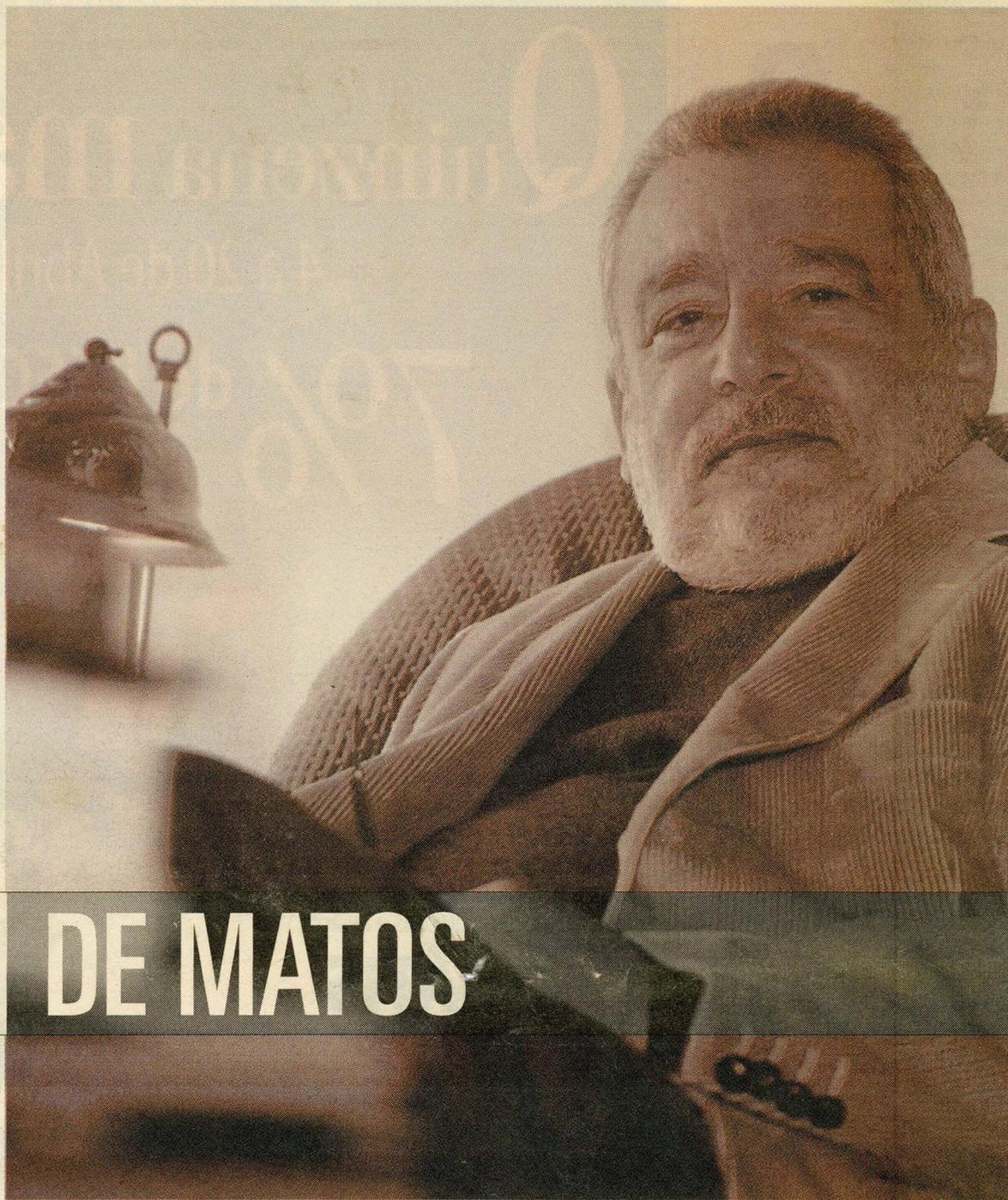


Foto de Sérgio Miguel Santos/ASF

«Hoje os editores nem sequer lêem os textos»

Apadrinhou Inês Pedrosa, deixou saudades a Lídia Jorge e foi editor de Lobo Antunes. Nelson de Matos, agora com editora própria, está cansado de *best-sellers* «ligeiros»

história de amor, com uma personagem feminina muito bem trabalhada literariamente, e que só um grande observador das pessoas e da vida poderia criar. É um texto que, dez anos depois da morte do Cardoso Pires, nos permite fazer uma justa homenagem, tendo-o de novo com algo que a gente não conhecia.

– **Como teve acesso ao texto?**

– Através das filhas e da mulher do José. A minha relação de trabalho com ele durou quase 30 anos e foi muito íntima, de grande amizade. Ainda hoje ele me faz falta. Estou sempre a pensar o que é que ele diria, sobretudo de coisas da

política. Sempre mantive uma relação estreita com a família que, quando soube do meu projecto editorial, me disponibilizou este texto.

– **Trabalhou com alguns dos grandes autores da actualidade na Dom Quixote. Mantém contacto com eles?**

– Mantenho contacto com muitos. A relação vai ao ponto de eles me terem continuado a mostrar os seus originais antes de os publicarem na Dom Quixote. Continuei a ser para eles o seu editor, a pessoa com quem mantiveram essa relação de proximidade.

– **As pessoas que hoje detêm as edi-**

toras estão mais vocacionadas para o negócio que para a literatura?

– Da minha geração ainda há alguns editores em Portugal. Mas somos uma geração em extinção. O mundo moderno não se compadece com o vagar que é necessário para construir uma relação com o autor. Hoje os editores nem sequer lêem os textos. Na maior parte dos casos, o título publica-se porque o autor tem um programa de televisão, é jornalista, é político, é tudo menos escritor. As exigências das organizações empresariais que hoje são as editoras já não se compadecem com esta situação. Esse

trabalho só pode continuar a ser feito das pequenas iniciativas de edição que têm a figura do editor muito preservada.

– **Fala de autores que não são escritores. As editoras devem publicar livros apenas com interesse comercial?**

– As editoras actualmente quase só fazem isso. Quando surge algo em que não há certeza de que vai ter vendas, hesitam em publicar. Não tenho nada contra isso. Um colega dizia: *É preciso publicar o que dá para poder publicar o que não dá*. E é muito verdade. O que se tem que fazer é não misturar as águas, não enganar os leitores. Trabalhar com cuidado e seriedade. Não se pode, por exemplo, publicar a Carolina Salgado ao lado de José Cardoso Pires.

– **Ainda descobre novos autores?**

– Continuam a enviar-me inúmeros manuscritos. Tento olhar para todos os textos ainda que não os possa publicar. Mas respeito alguém que ficou horas, meses do seu tempo diante de uma folha de papel em branco a trabalhar num texto para tentar transmitir a outras pessoas os seus sentimentos, as suas ideias. Isso merece-me muito respeito, sobretudo num mundo onde as pessoas se ocupam mais facilmente de outras coisas. Respeito isso e vou encontrando, como já encontrei, alguns autores que vêm a revelar-se.

– **Lídia Jorge dizia que você sabe entender que um escritor é um caminho.**

– É verdade. É preciso ter a experiência de publicar e ter o *feedback* para melhorar. Sobre tudo não é um percurso de horas livres. Escrever tem que ser um trabalho. Os grandes pianistas, violinistas e até, se quiser, os futebolistas, aperfeiçoam todos os dias a sua técnica. Não digo que a escrita tenha que ser praticada diariamente, mas tem certamente que sê-lo permanentemente.

– **Há algum autor que tenha descoberto ao longo destes anos?**

– Alguns escritores não gostam que se diga isso. Mas há um caso de que posso falar, que é a Inês Pedrosa. Conhecia os textos da Inês do *Jornal de Letras* e disse-lhe que achava que fazia sentido ela aventurar-se na literatura. E ela atreveu-se, silenciosamente. Chegou ao pé de mim com o primeiro livro e disse: *Agora lê e vê se presta*.

– **A sua presença nas grandes feiras do livro internacionais é habitual. Falta a Portugal uma grande feira?**

– Falta-nos tanta coisa... (risos) Claro que também nos falta uma grande feira, mas acho que essencialmente nos faltam leitores. Temos que continuar a fazer o esforço que está a ser feito com o alargamento da rede de bibliotecas públicas e com o Plano Nacional de Leitura. Há que tentar introduzir hábitos desde cedo, explicar às pessoas que a leitura se aprende como andar de bicicleta.

– **Na década de 60 chegou a escrever livros. Pensa voltar a fazê-lo?**

– Quando vim para edição pus o escritor entre parênteses. A edição mata o escritor, coloca-o lá atrás. Não digo que não me ocorram ideias e que não sinta vontade de as escrever mas, como disse, não pode ser-se escritor só de vez em quando.